

---

## **Charles e Diana & Harry e Meghan: a representação dos casamentos reais nas capas da Revista Veja<sup>1</sup>**

Giovanna Caldeira Tedeschi<sup>2</sup>

Marco Antônio Pasqualini de Andrade<sup>3</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### **Resumo**

Este trabalho apresenta uma comparação de aspectos gráficos de duas capas da revista Veja que retratam casamentos reais: o de Charles e Diana, que ocorreu em 1981, e o de Harry e Meghan, que ocorreu em 2018. O objetivo é discutir tanto as transformações sofridas na família real, quanto em algumas capas de revistas. Trazemos aqui, análises de fotos, tipografia e cores, além da relação dessas mudanças gráficas com as mudanças na realeza britânica, principalmente no que se relaciona a casamentos.

### **Palavras-chave**

Casamentos reais, Revista Veja, análise gráfica.

### **1. Introdução**

Este trabalho apresenta uma comparação entre capas da revista Veja que retratam dois casamentos reais: o do Príncipe Charles de Gales e Lady Diana Spencer, em julho de 1981, e o do Príncipe Harry de Gales e Meghan Markle, em maio de 2018.

A relevância do tema se justifica pela atualidade dos fatos: o segundo casamento citado acaba de acontecer e representa uma diferença de quase 40 anos para o anterior. Nesse tempo, houve não só uma mudança de costumes e quebra de paradigmas dentro da família real britânica, mas uma alteração na maneira em que as capas de revista são feitas, principalmente considerando tendências e moda.

Assim, as revistas informativas, como toda a produção midiática, cujo objetivo primordial é a informação, acompanham as novas tendências expressivas. Como não poderia deixar de ser, as capas de revistas também sofrem modificações a cada dia, explorando a criatividade e a persuasão. (PUZZO, 2009, p. 126)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: [gigitedeschi@gmail.com](mailto:gigitedeschi@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: [marco.contemp@uol.com.br](mailto:marco.contemp@uol.com.br)

O objetivo, assim, é discutir as diferenças entre as duas capas, analisando, principalmente, aspectos gráficos, como texto e imagem, e a relação entre os dois. A análise será realizada de maneira qualitativa, destacando cores, tipografia e fotos que estampam o fundo.

## 2. Desenvolvimento

FIGURA 1: Capa da revista Veja em  
5 de agosto de 1981



FIGURA 2: Capa da revista Veja em 23  
de maio de 2018



Fonte: Reprodução/ Veja

### 2.1 Cores

Para iniciar a análise, vamos discutir um pouco o papel das cores nas capas de revistas escolhidas. No livro “As Cores da Mídia: a Organização da Cor-Informação no Jornalismo”, Luciano Guimarães discute, justamente, as paletas de cores utilizadas na revista Veja.

Coincidência ou intencionalidade, o fato é que a repetição das combinações de cores com incorporação ou vinculação a determinados contextos positivos ou negativos também participa na formação do repertório e do imaginário dos leitores. (GUIMARÃES, 2003, p. 54)

De acordo com o autor, a revista costuma utilizar cores como vermelho e preto para ilustrar capas que tratam de escândalos, corrupção, golpes e etc. No caso da política Roseana Sarney, por exemplo, vermelho e preto foram utilizados em sua queda, após uma denúncia de escândalos, e amarelo e azul foram utilizados na revista tema de sua ascensão.

No caso das capas analisadas aqui, azul e amarelo se destacam, principalmente nos logos da Veja. No caso de Diana e Charles, o logo é amarelo, e no de Harry e Meghan, é azul. Isso pode significar que os casamentos reais são algo positivo.

É preciso observar também as paletas de cores das fotos selecionadas para as capas. Enquanto a capa de 1981 apresenta uma foto colorida, com azul, preto, branco, amarelo e vinho, a outra aparece em preto e branco. A segunda parece apresentar um aspecto mais *clean*, seguindo tendências como a da arte minimalista e Bauhaus.

## 2.2 Tipografia

Sobre a tipografia utilizada, na capa de Diana e Charles, há letras com serifa e sem serifa. No caso da logo, da data da publicação e da legenda da foto, as fontes não têm serifa e são mais transicionais, mantendo alta legibilidade. Já o título e o subtítulo aparecem serifados, numa espécie de letra mais desenhada, talvez remetendo ao uso da pena para escrita e ao tradicionalismo de um casamento real, como se pode observar na Figura 3.

FIGURA 3: aproximação da capa da revista Veja em 5 de agosto de 1981



Fonte: Reprodução / Veja

Já na capa de Meghan e Harry, nenhuma das fontes utilizadas tem serifa, sendo todas transicionais, mantendo estilo reto e uniforme.

O Art Nouveau e o Art Déco criaram estilos especiais de tipos para refletir as características de seus períodos, com De Stijl e Bauhaus, a tipografia adotou quase exclusivamente os tipos sem serifa. Desde então, têm permanecido a ênfase no uso de tipos estruturais (...). (HURLBURT, 2002, p.106)

A modernidade traz, então, um uso cada vez menor de serifa, principalmente em textos como títulos e subtítulos, que precisam chamar mais a atenção. A serifa é utilizada, muitas vezes, em textos mais longos, para prender a atenção do leitor por meio de suas linhas.

Outra reflexão importante é na comparação do tipo de fonte “mais tradicional” da Figura 3: ele não aparece na edição mais recente na revista. Isso poderia se justificar pela suposta busca da família real por uma reinvenção. O subtítulo praticamente confirma isto: “o casamento do príncipe Harry com a plebeia Meghan Markle mostra como a monarquia britânica se reinventa para não morrer” (Veja, 2018, p. 01), como pode se observar na Figura 4.

Figura 4: aproximação da capa da revista Veja em 23 de maio de 2018.



Fonte: Reprodução / Veja

É importante dizer também que o nome da revista aparece em fonte maior em ambas as capas, buscando o maior destaque na hierarquização.

### 2.3 Fotos

Um dos elementos mais importantes de uma capa de revista é a foto ou ilustração utilizadas, que cobrem todo o espaço e são utilizadas como pano de fundo para o restante das informações que aparecem.

É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. (..) Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e

informação para outros que os observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiveram origem. (KOSSOY, 2001, p. 28)

Em primeiro lugar, destacam-se os dois tipos de fotos utilizadas. Enquanto na capa de 1981 é utilizada uma foto bastante tradicional, com Diana no vestido de noiva e Charles em seu uniforme oficial da Marinha, cumprimentando os súditos, na capa de 2018 foi utilizada uma foto do ensaio de noivado de Meghan e Harry, mesmo a revista tendo sido publicada depois do casamento.

A primeira foto tem um clima muito mais oficial e clássico, mas a segunda é bem mais informal e intimista. O sentimento passado na comparação é de que Diana e Charles, apesar de estarem sorrindo, têm menos intimidade, ainda mais considerando os eventos que agora já sabemos que ocorreram: um divórcio escandaloso, com declarações polêmicas de ambos os lados.

Enquanto isso, a foto de Harry e Meghan parece muito mais espontânea, havendo muito mais contato corporal entre os dois, além dos olhos cerrados e de marcas de expressão no rosto, que intensificam essa sensação de haver um real sentimento ali, como se pode observar na Figura 5.

(...) a cabeça inclinada para o lado dá um toque de flerte, enquanto que o sorriso que não provoca pequenas rugas ao redor dos olhos ou que não vem acompanhado de uma postura corporal meio vergada, pode parecer forçado. (DAVIS, 1979, p. 39)

FIGURA 5: aproximação da capa da revista Veja em 5 de agosto de 1981



Fonte: Reprodução / Veja

A escolha de uso dessas imagens demonstra exatamente a relação com os elementos textuais: enquanto a primeira representa “O Último Conto de Fadas”, com Diana em um enorme vestido, ao lado de um príncipe, em seu uniforme oficial, a segunda representa “A Realeza Caindo na Real”, com uma foto mais moderna, um casamento real já reinventado por meio de seu ensaio fotográfico.

### 3. Conclusão

É possível perceber que, com a passagem do tempo, mudam as concepções sobre o papel da família real britânica na sociedade. Dessa maneira, era de se esperar que se alterassem também as formas de representação desta família na mídia.

(...) cada veículo de comunicação, buscou da sua maneira fazer a cobertura de forma a levar esse evento ao grande público, em uma junção de mundo ilusório com um fato real que remete ao sonho de criança e compensa as insatisfações do cotidiano. (ALENCAR E SILVA, 2012, p. 2)

Nas duas capas analisadas, a maneira com que os matrimônios são noticiados foi alterada. Enquanto na primeira ainda há a noção da monarquia como algo de contos de fadas, bastante idealizada, na segunda já existe a quebra deste paradigma. Por que a realeza morrerá se não se reinventar? Onde está a perfeição representada quase 40 anos atrás?

Ou seja, enquanto a primeira capa é mais noticiosa, a segunda é mais problematizadora. Isso é, possivelmente, uma consequência do mundo contemporâneo, em que cada vez mais tradições são questionadas, refletindo nos meios de comunicação.

É perceptível que o casamento real provocou em todo o mundo um fervor, sendo destaque em praticamente todos os meios de comunicação. Isso demonstra como a realeza, apesar de ter perdido espaço nos países em que ainda existe e de praticamente ser extintas em boa parte do território que ocupava desperta o imaginário das pessoas. (ALENCAR E SILVA, 2012, p. 7)

### Referências bibliográficas

ALENCAR, João José; SILVA, Regina Alves da. O Fascínio do Conto de Fadas Britânico: Uma Análise da Cobertura da Revista Veja das Vésperas do Casamento Real. In: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 14., 2012, Campo Grande. **Artigo**. Campo Grande: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012. p. 1 - 8.

---

DAVIS, Flora. **A comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979. Disponível em: <<https://goo.gl/d1ViNo>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

GUIMARÃES, Luciano. **As Cores na Mídia: a organização da cor-informação no jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/RX1E9h>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

HURLBURT, Allen. **Layout: o design da página impressa**. São Paulo: Nobel, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/Z7ExNU>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

KNABBEN, Wellington. **Classificação Tipográfica**. 2016. Disponível em: <<http://knabbenn.com/classificacao-tipografica/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/XT7eCk>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

P, Miriam Bauab. **A linguagem verbo-visual das capas de revista e os implícitos na constituição de sentido**. Revista Intercâmbio, volume XX: 125-138, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x

VEJA, São Paulo, 5 de agosto de 1981, p. 01. Disponível em: <<https://goo.gl/5FrTsF>>. Acesso em 9 jul. 2018.

VEJA, São Paulo, 23 de maio 1988, p. 01. Disponível em: <<https://goo.gl/uGhTxP>>. Acesso em 9 jul. 2018.